

O hálito fétido da saúde brasileira



Serra parece dar o primeiro passo para acabar com o "ralo" da ineficiência e da corrupção

Há muito tempo a saúde deste país exala um cheiro podre. Felizmente, agora, ativado pela descoberta das redes de falsificadores de remédios, o odor se tornou insuportável. As chagas estão sendo expostas com coragem, o pus vaza. Temos, pois, uma boa oportunidade de checar se o atual sistema de saúde cura mais do que mata. E de avançar em busca de um caminho melhor.

Nessa área, os escândalos sempre pipocaram. E foram rapidamente abafados e esquecidos pelas autoridades e pelo conformismo fatalista do povo. Surto de mortes inexplicadas – atingindo bebês, velhos ou pacientes de UTIs – têm feito parte do nosso cotidiano. Para a maioria das pessoas, que dependem dos sistemas de saúde pública, o martírio começa no atendimento. Prevenção precária, carência alimentar, esgotos a céu aberto e ignorância levam multidões em busca de tratamento médico. O direito a uma consulta rápida e – quando for o caso – ao internamento é disputado a tapa. A rede hospitalar pública está absolutamente despreparada para atender a essa demanda. Os hospitais privados, por sua vez, perpetuam o círculo vicioso que leva ao mau serviço e – em casos extremos – ao comportamento ilegal e criminoso. O sistema público de saúde paga pouco, os médicos ganham pouco e trabalham pouco. Faltam leitos e recursos. E algumas instituições inescrupulosas acabam contaminadas pela falsificação de guias e pelos exames ou cirurgias desnecessários. E agora – era o que faltava –, às vezes, medicam com remédios falsos.

Depoimentos diários povoam de dor as páginas dos jornais. No caso da saúde, o cidadão comum sabe que a imprensa não exagera. Para citar apenas um exemplo, reportagem do *Estado*, na semana passada, relata o caso de uma senhora vítima de derrame cerebral e paralisia, em Guarulhos. Após diagnóstico no pronto-atendimento, esperou 24 horas para transferência para o Hospital Municipal, onde ficou mais dois dias aguardando vaga na enfermaria. Foi encontrada pela reportagem, nua e gelada, sob um lençol encharcado do soro que vazou, semicoberta por uma manta úmida, junto a uma parede sem re-

boco e negra de bolor. Com muita sede – semiparalisada –, tinha ao lado pão e café com leite, já frio, que não podia alcançar.

A não ser o paciente, há poucos inocentes nessas tristes histórias. É nas entranhas desse monstro que, depois de décadas de desculpas e mentiras, o ministro José Serra parece estar tendo a ousadia de entrar. Já que não é médico,

não se está protegendo com máscara e avental assépticos. Nem usando um sutil bisturi. Parece avançar com um facão de mateiro, cortando fundo o tumor e deixando vazar o conteúdo purulento. Se continuar assim, já será uma enorme contribuição que terá deixado à saúde do Brasil.

Enquanto se faz a limpeza grossa, porém, urge enfrentar o problema mais complexo. Trata-se do conceito de atendimento de saúde num país com as nossas características. A classe alta paga o serviço que quer nos três ou quatro hospitais locais de padrão internacional ou no exterior. A classe média compra seus planos de saúde privados e tem lutado por um nível de atendimento decente. Governo e Legislativo entram no assunto da regulação como macacos em lojas de cris-

tais. Mas, ainda assim, acabaram obrigando as empresas a dar alguma satisfação a seus consumidores. É um bom começo. Já para a ampla maioria que depende dos sistemas públicos as soluções estão engatinhando. A questão crítica da saúde repousa em nutrição, prevenção e educação, não em hospitais, remédios e cirurgias. Os pediatras que atendem nos hospitais de periferia estão cansados de lidar com bebês reinternados com desidratação e desnutrição, que voltam após curtos períodos de exposição à sua família.

A ineficiência do governo na área da saúde tem consequências muito graves. A medicina sempre se caracterizou por certa onipotência. Aprendiz de feiticeiro, os médicos tiveram de caminhar sobre cadáveres para atingir seus avanços. Desde a famigerada sangria, passando pela disseminação da infecção, quando ainda se operava com avental de açougueiro, até a atual indústria das UTIs e dos equipamentos ultra-sofisticados, cada grande conquista deixa rastros de sangue. Talvez por isso a onipotência se mantenha como forma de defesa. O fato é que dificilmente alguém resiste ao olhar frio e convicto do médico quando diz: "Ele não sai do hospital. Precisa ser operado imediatamente." Nas classes médias e baixas, raras são as vezes em que há a possibilidade de segunda opinião. Conseguir vaga e marcar cirurgia já é uma conqui-

ta. Quem ousaria questionar o diagnóstico? E quantas intervenções desnecessárias, quantas vidas ceifadas por infecção hospitalar. Está aí o pobre Brasil, o campeão mundial das cesarianas! De certo modo, urge inverter as premissas. É preciso proteger o cidadão dos hospitais – e da indústria de medicamentos, que faz propaganda ostensiva de produtos químicos de efeitos complexos, como se fossem refrigerantes. A intervenção deve ser um antiobjetivo. Partos simples e outros tratamentos podem e devem ser feitos em casa, sob adequada supervisão médica. Medicina alternativa séria, como homeopatia e acupuntura, deve ser estimulada. Uma nação em que parte significativa dos produtos encontrados na farmácia são inócuos ou duvidosos – e comprados sem receita – e onde o povo come mal e ostenta um dos maiores índices de consumo de remédios do mundo precisa ser protegida.

Idéias não faltam. Victor Tanzi disse recentemente que, dada a quase infinita elasticidade de demanda por atendimento de saúde – quando gratuito –, o ideal seria garantir renda mínima para alimentação e adequado sistema de prevenção, deixando ao indivíduo o ônus de pagar por um plano de atendimento. Estão aí as experiências de médicos de bairro, técnicos de saúde, municipalização e várias outras à espera de aprofundamento. Talvez elas permitam, em paralelo com a limpeza do sistema atual, a estruturação de um esquema de atendimento realista e digno ao cidadão.

Até há pouco, o País havia se metido num dilema insolúvel que levou à paralisia da saúde. Ministros diziam que o problema era a falta de recursos. O governo afirmava que, antes de tudo, era preciso fechar o "ralo" da ineficiência e da corrupção. Caso contrário, seria jogar dinheiro fora. Brandindo seu facão de mateiro, Serra parece dar o primeiro passo para acabar com o "ralo". Mas é só o início. Lamentavelmente, a saúde transformou-se em caso de polícia. Os ventos da opinião pública podem ajudar a afastar esse odor pestilento. Uma luta longa e tenaz precisa ser desenvolvida em conjunto por governo e sociedade para livrar o País desse sistema cruel, contaminado pela ineficácia e pelo crime organizado. Que Serra não esmoreça e vá até o fim. Se conseguir, o País não o esquecerá.

